

## Guy de Maupassant

### O horla

---

8 DE MAIO - QUE DIA LINDO! Passei toda a manhã deitado na relva, na frente da minha casa, sob o enorme plátano que a cobre, a abriga e a sombreia por inteiro. Gosto desse lugar, e gosto de viver aqui porque aqui tenho minhas raízes, essas profundas e delicadas raízes, que prendem um homem na terra em que nasceram e morreram seus ancestrais, que o prendem ao que se pensa e ao que se come, aos usos e aos alimentos, às locuções orais, às entonações dos camponeses, aos cheiros do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto de minha casa onde cresci. De minhas janelas, vejo o Sena que corre, ao longo de meu jardim, atrás da estrada, quase dentro de casa, o grande e largo Sena que vai de Rouen ao Havre, coberto de barcos que passam.

À esquerda, ao longe. Rouen, a grande cidade de telhados azuis, sob a multidão pontuda dos campanários góticos. Eles são incontáveis, frágeis ou amplos, dominados pela flecha metálica da catedral e cheios de sinos que batem no ar azul das belas manhãs, enviando-me seu suave e longínquo burburinho de ferro, seu canto de bronze que a brisa me traz, ora mais forte ora mais fraco, conforme ela desperta ou cochila.

Como estava bonita aquela manhã!

Por volta das onze horas, um longo comboio de navios, puxados por um rebocador, do tamanho de uma mosca e que resmungava de dor vomitando uma fumaça espessa, desfilou diante de minha grade.

Depois de duas escunas inglesas, cujo pavilhão vermelho ondulava ao céu, vinha uma esplêndida barca brasileira de três mastros, toda branca, admiravelmente limpa e reluzente. Saudei-a, não sei por quê, tão grande foi o

prazer que me deu a visão daquele navio.

12 de maio — Estou com um pouco de febre há alguns dias; sinto-me  
adoentado, ou talvez me sinta triste.

De onde vêm essas influências misteriosas que transformam em desânimo  
nossa felicidade e nossa confiança em angústia? Dir-se-ia que o ar, o ar  
invisível, está cheio de forças desconhecidas, cuja misteriosa proximidade nos  
afeta. Acordo cheio de alegria, com vontades de cantar em minha garganta. —  
Por quê? — Desço o curso da água e de repente, depois de um curto passeio,  
volto desolado, como se alguma infelicidade me aguardasse em casa. — Por  
quê? — Será um arrepio de frio que, roçando minha pele, abalou meus nervos  
e me sombreou a alma? Será a forma das nuvens, ou a cor do dia, ou a cor das  
coisas, tão variável, que, passando pelos meus olhos, perturbou meu  
pensamento? Sabe-se lá? Tudo o que nos cerca, tudo o que vemos sem olhar,  
tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem apalpar, tudo o  
que encontramos sem distinguir, exerce sobre nós, sobre nossos órgãos e,  
através deles, sobre nossas idéias, sobre nosso próprio coração, efeitos  
rápidos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo esse mistério do Invisível! Não conseguimos sondá-lo  
com nossos sentidos miseráveis, com nossos olhos que não sabem perceber  
nem o muito pequeno nem o muito grande, nem o muito perto nem o muito  
longe, nem os habitantes de uma estrela, nem os habitantes de uma gota  
d'água... com nossos ouvidos que nos enganam, pois nos transmitem as  
vibrações do ar em notas sonoras, são fadas que fazem o milagre de  
transformar em ruído o movimento e por tal metamorfose fazem nascer a  
música, que torna cantante a agitação muda da natureza... com nosso olfato,  
mais fraco do que o do cão... com nosso paladar, que mal consegue

determinar a idade de um vinho!

Ah! Se tivéssemos outros órgãos que realizassem a nosso favor outros milagres, quantas coisas poderíamos ainda descobrir ao nosso redor!

16 de maio — Decididamente, estou doente! Eu estava tão bem o mês passado! Estou com febre, uma febre atroz, ou, melhor dizendo, um abatimento febril, que faz minha alma sofrer tanto quanto meu corpo! Tenho sem cessar essa terrível sensação de um perigo ameaçador, esse receio de uma infelicidade que chega ou da morte que se aproxima, esse pressentimento que é sem dúvida o ataque de um mal ainda desconhecido, germinando no sangue e na carne.

18 de maio — Acabo de ir consultar um médico, porque não conseguia mais dormir. Ele achou meu pulso rápido, o olho dilatado, os nervos vibrantes, mas sem qualquer sintoma alarmante. Devo tomar duchas e beber brometo de potássio.

25 de maio — Nenhuma mudança! Meu estado, realmente, é estranho! À medida que a noite se aproxima, uma inquietação incompreensível me invade, como se a noite, para mim, ocultasse uma terrível ameaça. Janto depressa, depois tento ler; mas não compreendo as palavras; mal distingo as letras. Ando então de um lado para o outro em meu salão, sob a opressão de um medo confuso e irresistível, o medo do sono e o medo da cama.

Por volta das dez horas, subo para o quarto. Mal entro, dou duas voltas na chave, e empurro os ferrolhos; tenho medo... de quê?... eu nada temia até aqui... abro meus armários, olho debaixo da cama; escuto... escuto... o quê?...

Será estranho que um simples mal-estar, talvez uma perturbação da circulação, a irritação de um terminal nervoso, um pouco de congestão, uma alteração no funcionamento tão imperfeito e tão delicado de nossa máquina

vivente, possa transformar num melancólico o mais alegre dos homens, e num poltrão o mais bravo? Depois me deito e espero o sono como se esperasse o carrasco. Espero por ele com o pavor de sua vinda e meu coração bate e minhas pernas tremem; e todo o meu corpo treme no calor dos lençóis, até o momento em que caio de repente no repouso, como alguém cairia, para se afogar, num abismo de água estagnada. Não o sinto vir, como antes, um sono pérfido, escondido perto de mim, que me espreita, que vai me agarrar pela cabeça, me fechar os olhos, me derrubar.

Durmo muito tempo — duas ou três horas —, depois um sonho — não — um pesadelo me envolve. Sinto perfeitamente que estou deitado e que durmo... sinto e sei... e sinto também que alguém se aproxima de mim, me olha, me apalpa, sobe em minha cama, se ajoelha sobre meu peito, agarra meu pescoço entre as mãos e aperta... aperta... com toda a sua força para me estrangular.

Eu me debato, preso por aquela impotência atroz, que nos paralisa nos sonhos; quero gritar — não consigo —, quero me mexer — não consigo —, tento, num esforço horroroso, ofegando, me virar, derrubar aquele ser que me esmaga e me sufoca — não consigo!

E de repente acordo, apavorado, coberto de suor. Acendo uma vela. Estou sozinho.

Depois dessa crise, que se renova todas as noites, durmo afinal, com calma, até a aurora.

2 de junho — Meu estado se agravou ainda mais. Afinal, o que tenho? O brometo de nada adianta, as duchas de nada adiantam. Há pouco, para cansar meu corpo, entretanto tão exausto, fui dar uma volta pela floresta de Roumare.

Pensei a princípio que o ar fresco, leve e suave, cheio do cheiro de ervas e

folhas, me injetava nas veias um sangue novo, no coração uma nova energia.

Fui por um largo caminho de caça, depois virei na direção de La Bouille, por uma aléia estreita, entre duas fileiras de árvores inacreditavelmente altas que

criavam um teto verde, espesso, quase negro, entre mim e o céu.

Um tremor tomou conta de mim de repente, não um tremor de frio, mas um estranho tremor de angústia.

Apressei o passo, inquieto por estar sozinho naquele bosque, amedrontado sem razão, estupidamente, pela profunda solidão. De repente, achei que estava sendo seguido, que andavam atrás de mim, bem perto, quase me tocando.

Virei-me bruscamente. Estava sozinho. Atrás de mim vi apenas a aléia, larga e reta, vazia, alta, terrivelmente vazia; e do outro lado ela se entendia a perder de vista, sempre igual, apavorante.

Fechei os olhos. Por quê? E comecei a rodar sobre mim mesmo, muito depressa, como um pião. Quase caí; reabri os olhos; as árvores dançavam, a terra flutuava; precisei me sentar. Então, ah!, eu não sabia mais por onde tinha vindo! Estranha idéia! Estranha! Estranha idéia! Não sabia mais, mesmo. Fui pelo lado que estava a minha direita e voltei pela avenida que me tinha levado para dentro da floresta.

3 de junho — A noite foi horrível. Vou me ausentar por algumas semanas.

Uma pequena viagem, sem dúvida, me fará bem.

2 de julho — Voltei. Estou curado. Aliás, fiz uma excursão encantadora.

Visitei o monte Saint-Michel, que não conhecia.

Que vista, quando se chega, como eu, a Avranches, no final do dia! A cidade fica numa colina; e me levaram ao jardim público, na extremidade da cidade. Dei um grito de espanto. Uma baía imensa estendia-se a minha frente, a perder de vista, entre duas encostas afastadas que se perdiam

ao longe na bruma; e no meio daquela imensa baía amarela, sob um céu de ouro e claridade, erguia-se escuro e pontudo um estranho monte, no meio da areia. O sol acabava de desaparecer e no horizonte ainda flamejante desenhava-se o perfil daquele fantástico rochedo que tem em seu pico um fantástico monumento.

Assim que amanheceu, fui até ele. O mar estava baixo, como na véspera à noite, e eu via erguer-se a minha frente, à medida que me aproximava, a surpreendente abadia. Depois de muitas horas de caminhada, cheguei ao enorme bloco de pedra que contém a pequena cidadela dominada pela grande igreja. Subindo a rua estreita e rápida, entrei na mais bela morada gótica construída por Deus sobre a terra, grande como uma cidade, cheia de salas baixas esmagadas sob abóbadas e altas galerias sustentadas por frágeis colunas. Entrei naquela gigantesca jóia de granito, tão leve quanto uma renda, coberta de torres, de campanários esbeltos para os quais sobem escadarias tortas e que lançam no céu azul dos dias. no céu negro das noites, suas cabeças bizarras cobertas de quimeras, de diabos, de animais fantásticos, de flores monstruosas, unidas umas às outras por finos arcos trabalhados.

Quando cheguei ao alto, disse ao monge que me acompanhava:

— Padre, como o senhor deve se sentir bem aqui!

Ele respondeu:

— Estai ventando muito, senhor. — E começamos a conversar observando subir o mar, que corria sobre a areia e a cobria com uma couraça de aço.

E o monge me contou histórias, todas as velhas histórias daquele lugar, lendas, sempre lendas.

Uma delas me impressionou muito. A gente da região, do monte, afirma que se ouve falar à noite nas areias, depois que se escutam balir duas cabras,

uma com voz forte, a outra com voz fraca. Os incrédulos afirmam que são gritos das aves do mar, que ora parecem balidos, ora lamentos humanos; mas os pescadores atrasados juram ter encontrado, vagando sobre as dunas, entre duas marés, ao redor da cidadezinha assim atirada longe do mundo, um velho pastor, do qual jamais se vê a cabeça coberta por seu manto, que conduz, andando à frente deles, um bode com cara de homem e uma cabra com cara de mulher, ambos com longos cabelos brancos e falando sem parar, discutindo numa língua

desconhecida e depois, de repente, deixando de gritar para balir com todas as suas forças.

Perguntei ao monge:

— O senhor acredita?

Ele murmurou:

— Não sei.

Insisti:

— Se houvesse sobre a terra outros seres além de nós, como não os conheceríamos há muito tempo? Como o senhor não os teria visto? Como eu não os teria visto?

Ele respondeu:

— Será que vemos a centésima milésima parte do que existe? Veja, aí está o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os prédios, desenraiza as árvores, suspende o mar em montanhas de água, destrói os penhascos e atira nas rochas os grandes navios, o vento que mata, que assobia, que geme, que rugir: já o viu e consegue vê-lo? Mas ele existe. Calei-me diante desse raciocínio simples. Aquele homem era um sábio, ou talvez um tolo. Não saberia afirmá-lo com certeza, mas calei-me. No que ele

estava dizendo, eu havia pensado muitas vezes.

3 de julho — Dormi mal; com certeza há aqui uma influência febril, pois meu cocheiro sofre do mesmo mal que eu. Ao voltar para casa ontem, percebi sua

estranha palidez. Perguntei:

— O que tem. Jean?

— Tenho é que não consigo mais descansar, senhor, são minhas noites que comem meus dias. Desde que o senhor partiu, isso me persegue como um

feitiço.

Os outros criados vão bem, entretanto, mas tenho muito medo de uma

recaída.

4 de julho — Decididamente, é uma recaída. Meus antigos pesadelos estão de volta. Essa noite, senti alguém acorado em cima de mim e que, com a boca na minha, bebia minha vida entre meus lábios. É, sugava-a da minha garganta, como teria feito uma sanguessuga. Depois se levantou, saciado, e eu acordei tão mortificado, alquebrado, enfraquecido, que não conseguia mais me mexer.

Se isso continuar por mais alguns dias, com certeza partirei outra vez.

5 de julho — Será que perdi o juízo? O que aconteceu a noite passada é tão estranho que minha cabeça se perde quando penso!

Como faço agora todas as noites, eu tinha fechado minha porta a chave; depois, com sede, bebi meio copo d'água e, por acaso, percebi que a garrafa

estava cheia até a rolha de cristal.

Deitei-me a seguir e caí num de meus sonhos apavorantes, do qual fui tirado ao fim de mais ou menos duas horas por uma sacudidela ainda mais

terrível.

Imaginem um homem que dorme, que está sendo assassinado, e que acorda, com uma faca no pulmão, e que estertora coberto de sangue, e que não



consegue mais respirar, e que vai morrer e que não compreende: é isso.

Tendo recobrado a razão, senti sede outra vez; acendi uma vela e fui até a mesa sobre a qual estava minha garrafa. Levantei-a, inclinando-a sobre meu copo: nada escorreu. Estava vazia! Estava completamente vazia! No início, nada compreendi; depois, de repente, senti uma emoção tão terrível que precisei me sentar, ou melhor, caí sobre uma cadeira! Depois me ergui num salto para olhar a minha volta! Depois voltei a sentar, desesperado de espanto e medo, diante do cristal transparente! Eu o contemplava com os olhos fixos, tentando adivinhar. Minhas mãos tremiam! Beberam aquela água? Quem? Eu? Eu, com certeza! Só poderia ter sido eu! Então... eu era sonâmbulo, eu vivia, sem saber, aquela dupla vida misteriosa que faz pensar se existem dois seres em nós, ou se um ser estranho, desconhecível e invisível, anima, às vezes, quando nossa alma está bloqueada, nosso corpo cativo que obedece àquele outro, como se a nós mesmos, mais que a nós mesmos.

Ah! Quem compreenderá minha angústia abominável? Quem compreenderá a emoção de um homem, são de espírito, bem desperto, em plena razão, e que olha apavorado, através do vidro de uma garrafa, um pouco de água desaparecida enquanto ele dormia? E fiquei ali até o raiar do dia, sem ousar voltar para a cama.

6 de julho — Estou ficando louco. Outra vez beberam toda a minha garrafa, essa noite — ou melhor, eu a bebi!

Mas, fui eu? Fui eu? Quem terá sido? Quem? Ah! Meu Deus! Estou ficando louco! Quem irá me salvar?

10 de julho — Acabo de fazer constatações surpreendentes. Decididamente, estou louco! Ainda assim...

Dia 6 de julho, antes de deitar, coloquei em minha mesa vinho, leite, água,

pão e morangos.

Beberam — eu bebi — toda a água, e um pouco de leite. Não tocaram no vinho, nem no pão, nem nos morangos.

Dia 7 de julho, refiz a mesma experiência, que deu o mesmo resultado.

Dia 8 de julho, suprimi a água e o leite. Em nada tocaram.

Dia 9 de julho, finalmente, recoloquei sobre a mesa apenas a água e o leite, mas tendo o cuidado de enrolar as garrafas em lenços de musselina branca e amarrar as tampas com barbante. Depois, esfreguei meus lábios, minha barba, minhas mãos com grafite, e me deitei.

O sono invencível me dominou, logo seguido pelo despertar atroz. Eu não me mexera; meus próprios lençóis não tinham marcas. Corri até a mesa. Os lenços fechando as garrafas continuavam imaculados. Soltei os cordões, palpitando de medo. Tinham bebido toda a água! Tinham bebido todo o leite!

Ah! Meu Deus!...

Vou para Paris daqui a pouco.

12 de julho — Paris. Então eu tinha perdido o juízo nos últimos dias! Devo ter sido o joguete de minha imaginação exacerbada, a menos que seja realmente sonâmbulo, ou que tenha sofrido uma dessas influências constatadas, mas até agora inexplicáveis, que são chamadas de sugestões. Em todo caso, minha aflição beirava a demência, e 24 horas de Paris bastaram para me recuperar.

Ontem, depois de compras e visitas, que me fizeram correr na alma um ar novo e vivificante, terminei minha noite no Théâtre-Français<sup>1</sup>. Representavam uma peça de Alexandre Dumas Filho e aquele espírito alerta e enérgico acabou de me curar. Com certeza, a solidão é perigosa para as inteligências que trabalham. Precisamos ter a nossa volta homens que pensam e que falam.

Quando ficamos sozinhos por muito tempo, povoamos o vazio com

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

